



EMMA CHASE

Autora bestseller do *New York Times*

QUER MESMO SABER
O QUE PENSAM OS HOMENS?

ENVOLVIDOS

Sexy. Picante. Divertido.

TOP
SEL
LER

Capítulo 1

Estão a ver aquele caco por lavar e barbear que está esparramado no sofá? O tipo de t-shirt cinzenta suja e calças de fato de treino coçadas?

Sou eu, Drew Evans.

Geralmente não sou assim. Quer dizer, aquele, de facto, não sou eu.

Na vida real, arranjo-me bem, estou sempre impecavelmente barbeado e tenho o cabelo preto penteado para trás, com gel nos lados de uma maneira que, segundo me dizem, me dá um ar perigoso mas profissional. Os meus fatos são feitos por medida. Os meus sapatos custam mais do que a vossa renda.

O meu apartamento? Sim, este onde estou agora. Os estores estão corridos e a mobília reflete o tom azulado vindo da televisão. As mesas e o chão estão cobertos de garrafas de cerveja, caixas de pizza e de gelado vazias.

Este não é o meu verdadeiro apartamento. Aquele em que normalmente vivo está sempre imaculadamente limpo; vem cá uma rapariga duas vezes por semana. E tem todas as comodidades modernas, todos os brinquedos que possam imaginar: som *surround*, colunas satélite e um grande plasma que faz qualquer homem babar-se e chorar por mais. A decoração é moderna, com muito preto e inox; quem entra sabe logo que vive aqui um homem.

Por isso, como disse antes, o que estão a ver agora não sou eu. Estou com gripe.

Influenza.

Já repararam que o nome de algumas das piores doenças da história tem um som lírico? Palavras como *malária*, *diarreia*, *cólera*. Será que fazem de propósito? Para ser uma maneira simpática de dizer que nos sentimos pior do que um cagalhão?

Influenza. Pois, até soa bem, se repetirmos vezes suficientes.

Pelo menos tenho a certeza de que é o que tenho. Por isso é que estou enfiado no meu apartamento há sete dias. Por isso é que desliguei o telefone e só saí do sofá para ir à casa de banho ou para arrastar para dentro de casa a comida que encomendei.

A propósito, quanto tempo dura a gripe? Dez dias? Um mês? A minha começou há uma semana. O despertador tocou às cinco da manhã, como sempre. Mas em vez de me levantar da cama para ir para o escritório, onde sou uma estrela, atirei com o despertador para o outro lado do quarto e mandei-o para os anjinhos.

E que irritante que ele era. Um imbecil, com aquele bip-bip-bip estúpido.

Virei-me para o outro lado e adormeci novamente. Quando finalmente alcei o cu da cama, senti-me fraco e nauseado. Doía-me o peito e a cabeça. Gripe, certo? Como já não conseguia dormir mais, transplantei-me aqui para o meu fiel sofá. Era tão confortável que decidi ficar aqui mesmo. A semana toda. A ver os melhores filmes do Will Farrell no plasma.

Agora está a dar *O Repórter: A Lenda de Ron Burgundy*. Já o vi três vezes hoje, mas ainda não me ri. Nem uma única vez. Talvez à quarta seja de vez, não?

Agora estão-me a bater à porta.

O estupor do porteiro... Mas afinal para que é que serve? Vai arrepende-se quando receber a minha gorjeta de Natal este ano, podem crer.

Ignoro a coisa, mas lá começa outra vez o chinfrim. E insistem...

— Drew! Drew, eu sei que estás aí! Abre a porcaria da porta!

Oh, não!

É a Cabra. Também conhecida como a minha irmã, Alexandra.

Quando digo *cabra* digo-o da forma mais afetuosa possível, palavra de honra. Mas é o que ela é. Exigente, cheia de opiniões, implacável. Vou matar o porteiro.

— Drew, se não abrires a porta vou chamar a polícia para a deitar abaixo. Juro!

Estão a ver o que quero dizer?

Pego na almofada que tenho ao colo desde que a gripe começou, enterro a cara nela e respiro fundo. Cheira a baunilha e alfazema. Fresca, limpa e viciante.

— Drew! Estás a ouvir-me?

Ponho a almofada em cima da cabeça. Não porque cheira a... ela... mas para abafar as pancadas que continuam na porta.

— Estou a pegar no telemóvel! Estou a marcar! — A voz da Alexandra é chorosa e ameaçadora, e eu sei que não está a brincar.

Suspiro profundamente e forço-me a levantar do sofá. O caminho até à porta leva algum tempo; cada passo das minhas pernas rígidas e doridas é um esforço.

Maldita gripe.

Abro a porta e preparo-me para enfrentar a ira da Cabra. Segura o último modelo de *iPhone* junto ao ouvido com uma mão primorosamente arranjada. O cabelo está penteado para trás num nó simples mas elegante e, ao ombro, traz pendurada uma mala verde-escura da mesma cor da saia — a Lexi é a rainha das combinações.

Atrás dela, com um ar pesaroso como convém à ocasião, vestido com um fato azul-marinho engelhado, está o meu amigo e colega Matthew Fisher.

Perdoo-te, Porteiro. É o Matthew que tem de morrer.

— Meu Deus! — grita a Alexandra, horrorizada. — Que raio te aconteceu?

Eu disse-vos que este não sou eu.

Não lhe respondo. Não tenho energia. Limito-me a deixar a porta aberta e a cair de borco no meu sofá. É suave e quente, mas firme.

Amo-te, sofá — já alguma vez to disse? Bom, estou a dizer-to agora.

Embora os meus olhos estejam enterrados na almofada, sinto a Alexandra e o Matthew a entrarem devagar no apartamento. Imagino o choque na cara deles com o estado em que está. Espreito do meu casulo e vejo que o meu olho mental estava certo.

— Drew? — Ouço-a perguntar, mas desta vez há preocupação entrelaçada naquela sílaba curta.

Depois fica danada outra vez.

— Por amor de Deus, Matthew, porque não me chamaste antes? Como podes deixar isto acontecer?

— Não o tenho visto, Lex! — apressa-se a dizer o Matthew. Estão a ver? Ele também tem medo da Cabra. — Vim cá todos os dias, mas ele não me abria a porta.

Sinto o sofá a afundar-se quando ela se senta ao meu lado.

— Drew? — diz ela suavemente. Sinto a sua mão passar-me delicadamente pelo cabelo. — Querido?

A sua voz está dolorosamente preocupada, lembra-me a minha mãe. Quando era pequeno e ficava doente em casa, a mãe vinha ao meu quarto com chocolate quente e sopa num tabuleiro. Beijava-me a testa para ver se ainda estava a ferver com febre e fazia-me sempre sentir melhor. A lembrança e o comportamento da Alexandra humedecem-me os olhos fechados.

Estou uma desgraça ou quê?

— Está tudo bem, Alexandra — digo-lhe eu, embora não esteja certo de que me ouça. A minha voz perde-se na almofada de cheiro doce. — Estou com gripe.

Ouço uma caixa de pizza a abrir-se e um gemido quando um cheiro a queijo podre e salsicha emana de lá de dentro.

— Não é propriamente a dieta de uma pessoa com gripe, maninho.

Depois o barulho de garrafas de cerveja e lixo, e percebo que ela está a começar a arrumar a bagunça. Não sou o único obcecado com a limpeza na família.

— Isto não pode ser! — Inspira com força e, a julgar pelo fedor que acompanha o cheiro a podre da pizza, deduzo que tenha aberto uma caixa de gelado de há três dias que não estava tão vazia como eu pensava.

— Drew — diz, enquanto me abana os ombros suavemente. Cedro e soergo-me, esfregando a exaustão dos olhos ao fazê-lo. — Fala comigo — implora. — O que se passa? O que aconteceu?

Quando olho para a expressão preocupada da cabra da minha irmã mais velha, volto vinte e dois anos atrás no tempo. Tenho seis anos e o meu hamster, o Sr. Wuzzles, acabou de morrer. E, tal como nesse dia, a dolorosa verdade é-me arrancada dos pulmões.

— Finalmente aconteceu.

— O que é que aconteceu?

— O que vocês me desejaram todos estes anos — sussurro.
— Apaixonei-me.

Levanto os olhos para ver o sorriso. Foi o que ela sempre quis para mim. Está casada com o Steven desde sempre, está apaixonada por ele ainda há mais tempo. Nunca concordou com a forma como levo a minha vida e está ansiosa que eu assente. Que encontre alguém que tome conta de mim da mesma maneira que ela toma conta do Steven. Da maneira que a nossa mãe continua a tomar conta do nosso pai.

Mas eu disse-lhe que isso nunca aconteceria — não era o que eu queria. Porquê levar um livro para a biblioteca? Porquê levar areia para a praia? Porquê comprar uma vaca quando se pode ter leite de graça?

Estão a começar a ver a coisa?

Então vejo-a começar a sorrir, quando, numa voz sumida que nem eu reconheço, digo:

— Vai casar com outro. Ela não... ela não me quis, Lex.

A compaixão espalha-se na sua cara, como compota no pão. Depois a determinação. Porque a Alexandra é uma reparadora. Ela desentope canos, arranja paredes danificadas e tira nódoas de qualquer tapete. Sei o que lhe está a passar pela cabeça neste momento: se o irmãozinho está em apuros, ela vai resgatá-lo.

Quem me dera que fosse assim tão fácil. Mas acho que nem toda a cola do mundo consegue voltar a colar no sítio os pedaços do meu coração.

Eu já vos disse que também tenho um pouco de poeta?

— Pronto. Vamos tratar disto, Drew.

Conheço a minha irmã ou não?

— Vai tomar um duche quente. Eu vou limpar esta confusão. Depois, vamos sair. Nós os três.

— Não posso sair. — *Será que não me ouviu?* — Estou com gripe.

Ela sorri com compaixão.

— Precisas de uma boa refeição quente e de um duche. Depois vais sentir-te melhor.

Talvez ela tenha razão. Deus sabe que o que tenho andado a fazer nos últimos sete dias não me tem feito sentir melhor. Encolho os ombros e levanto-me para fazer o que ela diz. Como um miúdo de quatro anos com o seu peluche, levo a minha querida almofada comigo.

A caminho da casa de banho, não consigo deixar de pensar em como tudo aconteceu. Em tempos tive uma boa vida. Uma vida perfeita. E depois tudo ficou reduzido a cinzas.

Ah, querem saber como? Querem ouvir a minha história triste? Então está bem. Começou há alguns meses, numa noite de sábado normal.

Pelo menos *para mim* era normal.



Quatro meses antes

— Isso, querida. Linda menina, continua.

Estão a ver aquele tipo irresistível de fato preto? Exato, o tipo a quem a ruiva voluptuosa está a fazer um broche na casa de banho? Sou eu. O *verdadeiro* eu. EAG: Eu Antes da Gripe.

— Oh, *querida*, vou-me vir.

Vamos interromper aqui só por instantes.

Para as senhoras que me estão a ouvir, deixem-me dar-vos um conselho de borla: se um tipo que acabaram de conhecer numa discoteca vos tratar por *querida*, *amor* ou *anjo*, ou qualquer outro termo afetuoso indiferenciado, não cometam o erro de pensar que ele está tão apaixonado por vocês que já vos está a arranjar nomes carinhosos.

O que se passa é que ele não se lembra ou nem se dá ao trabalho de se lembrar do vosso nome.

E nenhuma mulher quer que lhe chamem o nome errado quando está de joelhos a fazer um broche na casa de banho dos homens. Por isso, por uma questão de segurança, optei por *querida*.

O verdadeiro nome dela? Irrelevante.

— Isso, *querida*, estou-me a vir.

Ela retira a boca com um estalido e aplica-se como um guarda-redes à medida que me venho na sua mão. Depois, vou para o lavatório para me limpar e fechar as calças. A ruiva sorri enquanto bochecha o elixir de uma pequena garrafa que traz na mala.

Encantador.

— Bebemos um copo? — pergunta ela, naquilo que tenho a certeza que ela pensa ser uma voz sensual.

Mas fiquem já a saber — quando acabei, *acabei*. Não gosto de andar na mesma montanha-russa duas vezes. Uma vez já chega. Além disso, a emoção já passou e o interesse também.

Mas a minha mãe educou-me como um cavalheiro.

— Claro, boneca. Vai encontrar uma mesa que eu vou buscar umas bebidas para nós ao bar. — Afinal de contas a ruiva acabou por se aplicar bastante na mamada. Fez por merecer uma bebida.

Depois de sair da casa de banho, ela dirige-se para uma mesa e eu vou para o bar apinhado. Eu disse que era sábado à noite, não disse? E isto é o REM. Não, não é R.E.M. — *rem*, como o sono REM, quando se sonha. Percebem?

É a melhor discoteca de Nova Iorque. Bem, pelo menos hoje à noite é. Na próxima semana será outra qualquer. Mas o local não importa. O guião é sempre o mesmo. Todos os fins de semana os meus amigos e eu chegamos juntos e partimos separadamente — mas nunca sozinhos.

Não olhem para mim assim. Não sou má pessoa. Não minto; não engano as mulheres com floreios sobre um futuro juntos e amor à primeira vista. Sou direto. Quero divertir-me — por uma noite — e é isso que lhes digo. O que é melhor do que noventa por cento do que os outros tipos que aqui estão fazem. Podem crer! E a maior parte das raparigas que aqui está anda à procura da mesma coisa que eu.

Está bem, pronto, talvez não seja bem assim. Mas não tenho culpa se elas olham para mim, vão para a cama comigo e de repente querem ter filhos meus. O problema não é meu. Como disse antes, digo-lhes como é, passamos um bom bocado e depois pago-lhes o táxi para casa. *Obrigado, boa noite*. Não me telefones porque podes ter a certeza de que não te vou telefonar a ti.

Finalmente consigo furar pelo meio do povo, chego ao bar e peço duas bebidas. Aproveito para observar os corpos a contorcerem-se, dobrarem-se e fundirem-se uns nos outros na pista de dança enquanto a música vibra em toda a volta.

É então que a vejo, a quatro metros de mim, esperando pacientemente mas desconfortável entre a horda de braços levantados e ávida de álcool que agita as notas no ar a tentar chamar a atenção do barman.

Já vos disse que tenho veia de poeta, certo? A verdade é que nem sempre assim foi. Até agora não era. Ela é magnífica, angelical,

deslumbrante. O que quiserem, qualquer coisa. A verdade é que, por momentos, me esqueci de como se respira.

O seu cabelo comprido e escuro brilha mesmo na luz escassa da discoteca. Traz um vestido preto sem costas — sensual mas com classe — que lhe acentua cada curva perfeitamente tonificada. A boca é carnuda e exuberante, com lábios que pedem para ser arrebatados.

E os olhos. *Meu Deus...* Os olhos são grandes e redondos e infinitamente escuros. Imagino aqueles olhos a olharem para mim enquanto lhe meto o meu ponteiro na boca quente. O apêndice em questão imediatamente ganha vida com este pensamento. Tenho de a ter.

Aproximo-me rapidamente e decido nesse instante que esta será a sortuda que terá o prazer da minha companhia durante o resto da noite. E tenciono enchê-la de prazer.

Chego no momento em que começa a abrir a boca para pedir uma bebida e interrompo com:

— A senhora vai tomar... — fito-a para adivinhar o que queria beber. É um talento que possuo. Algumas pessoas bebem cerveja, outras uísque ou vinho envelhecido, outras ainda brandy ou champagne. E eu consigo sempre saber quem bebe o quê. Sempre. — ... um Veramente Merlot de 2003.

Ela vira-se para mim de sobrelance levantada e olha-me de alto a baixo. — Decide que não sou um falhado e diz:

— Você é bom.

Sorrio.

— Vejo que a minha reputação me precede. Pois sou. E você é linda.

Cora. Na verdade fica mesmo vermelha e desvia o olhar. Quem é que cora hoje em dia? Simplesmente adorável.

— Então, o que acha de irmos para um lugar mais confortável... e privado? Para nos conhecermos melhor?

Sem perder tempo, diz:

— Estou aqui com amigos. Estamos a festejar. Não costumo vir a lugares destes.

— O que é que estamos a festejar?

— Terminei o MBA e começo um novo emprego na segunda-feira.

— Sim? Que coincidência. Eu também sou da área financeira. Talvez já tenha ouvido falar da minha empresa? Evans, Reinhart e Fisher?

— Somos o banco de investimento especializado mais conhecido da cidade, por isso tenho a certeza de que iria ficar impressionada.

Vamos fazer aqui uma pausa, está bem?

Viram como a boca desta mulher deslumbrante se repenicou quando lhe disse onde trabalho? Viram como os olhos se arregalaram? Eu devia ter percebido logo.

Mas não notei nada naquela altura — estava demasiado ocupado a galar-lhe as mamas que, já agora, são perfeitas. Mais pequenas do que a minha primeira opção normalmente — o tamanho de uma mão. Mas vá, basta-me encher a mão.

Pois bem, lembrem-se daquele olhar de surpresa — que fará sentido mais tarde. Voltemos agora à conversa.

— Temos tanto em comum — digo eu. — Pertencemos ambos ao mundo dos negócios, ambos gostamos de um bom vinho... Acho que devíamos ver onde é que isto nos leva esta noite.

Ri-se. É um som mágico.

Agora tenho de explicar uma coisa. Com qualquer outra mulher, noutra noite qualquer, eu já estaria num táxi com a mão pela saia dela acima e a minha boca a fazê-la gemer de prazer. Sem sombra de dúvida. Para mim, isto é mesmo trabalhar para chegar lá. E, curiosamente, é excitante.

— Já agora, sou o Drew — digo enquanto lhe estendo a mão. — E você é...?

Levanta a mão.

— Comprometida.

Sem me deixar intimidar, pego-lhe na mão e beijo-lhe o nó do dedo, tocando-lhe quase impercetivelmente com a língua. Observo-a relutante a tentar reprimir um arrepio e sei que, apesar das suas palavras, estou a mexer com ela.

Não sou do tipo de prestar demasiada atenção ao que as pessoas dizem. Prefiro olhar para o modo como o dizem. Aprende-se muito acerca de uma pessoa se nos dermos ao trabalho de observar a maneira como andam, o movimento dos olhos, como levantam e baixam a voz.

A «olhinhos doces» pode estar a dizer-me que não... mas o seu corpo? O seu corpo está a gritar: *Sim, sim, fode-me no bar*. No espaço de três minutos, ela já me disse porque está aqui, em que é que trabalha e deixou-me acariciar-lhe a mão. Este não é o comportamento de uma

mulher que não está interessada: é o comportamento de uma mulher que não *quer* estar interessada.

E com isso posso eu bem.

Estou prestes a fazer um comentário sobre o seu anel de noivado; o diamante é tão pequeno que, mesmo olhando de perto, não se vê facilmente. Mas não quero ofendê-la. Ela disse que acabou agora o MBA. Tenho amigos que frequentaram a faculdade de economia e os empréstimos podem ser sufocantes.

Por isso, adoto uma tática diferente — a honestidade.

— Melhor ainda. Não frequenta lugares como este? Eu não frequento relações. Somos o par ideal. Devíamos explorar mais esta ligação, não acha?

Ri-se outra vez e as nossas bebidas chegam. Pega na dela e diz:

— Obrigada pela bebida. Tenho de voltar para junto dos meus amigos. Foi um prazer.

Lanço-lhe um sorriso malicioso.

— Querida, se me deixar levá-la daqui para fora, darei à palavra *prazer* um significado completamente novo.

Abana a cabeça com um sorriso, como se estivesse a lidar com uma criança petulante. Depois, enquanto se afasta, diz por cima do ombro:

— Boa noite, Sr. Evans.

Como já tinha dito, sou um homem observador. Sherlock Holmes e eu podíamos ser bons compinchas. Mas estou tão fascinado pela visão daquele belo rabo que não noto inicialmente.

Viram? Apanharam aquele pequeno detalhe que me escapou?

Pois é. Ela chamou-me «Sr. Evans», mas eu não lhe cheguei a dizer o meu apelido. Não se esqueçam disso também.

Por agora, deixo a mulher misteriosa de cabelo escuro afastar-se. O plano é dar-lhe alguma corda e depois puxá-la para bordo — anzol, linha e chumbo. Tenciono persegui-la o resto da noite se for necessário.

Exato, é sensual a esse ponto.

Mas depois a ruiva — sim, a da casa de banho dos homens — encontra-me.

— Estás aqui! Pensava que te tinha perdido. — Encosta-se a mim e acaricia-me o braço com intimidade. — E se fôssemos para minha casa? É já ali ao virar da esquina.

Ah, obrigado — mas não obrigado. A ruiva rapidamente se tornou uma memória longínqua. Estou concentrado em perspectivas melhores e mais intrigantes. Estou quase a dizer-lhe isso quando outra ruiva aparece ao seu lado.

— Esta é a minha irmã, Mandy. Falei-lhe de ti. Ela acha que nós os três podíamos... sabes... divertir-nos.

Olho para a irmã da ruiva — na verdade a sua irmã gémea. E, de repente, os meus planos mudam. Eu sei, eu sei... Eu disse que não andava na mesma montanha-russa duas vezes. Mas montanhas-russas gémeas?

Deixem-me dizer-lhes que nenhum homem passaria ao lado de uma viagem dessas.

Capítulo 2

J á vos disse que adoro o meu trabalho? Se a minha empresa fosse a liga principal de basebol, eu seria o jogador mais valioso. Sou colaborador de um dos mais importantes bancos de investimento de Nova Iorque, especializado em *media* e tecnologia. Sim, sim, o meu pai e os seus dois maiores amigos fundaram a empresa. Mas isso não quer dizer que não tenha dado o litro para chegar onde cheguei — porque foi isso que aconteceu. Também não quer dizer que não coma, respire e durma para manter a reputação que alcancei, porque também é isso que faço.

O que faz um banqueiro de investimento? Perguntam vocês. Bem, lembram-se quando no *Pretty Woman: Um Sonho de Mulher* o Richard Gere diz à Julia Roberts que a sua empresa compra outras e depois as vende às peças? Eu sou o tipo que o ajuda a fazer isso. Negoceio os contratos, redijo-os, faço as diligências, esboço os contratos de crédito e muitas outras coisas que tenho a certeza de que vocês não estão interessados em saber.

Agora estão provavelmente a perguntar porque é que um tipo como eu está a citar um filme lamechas como o *Pretty Woman*.

A resposta é simples: enquanto eram pequenos, a minha mãe obrigava os filhos a ter «uma noite de filme em família» todas as semanas. A Cabra escolhia os filmes semana sim, semana não. Teve uma obsessão pela Julia Roberts e impingiu-ma durante quase um ano. Resultado: sei os diálogos tintim por tintim. Embora tenha de admitir que o Richard Gere é o máximo.

Voltemos ao meu trabalho.

A melhor coisa que tem é a forma como me sinto quando fecho um negócio, um negócio mesmo bom. É como ganhar uma mão de *blackjack* num casino de Las Vegas. É como ser escolhido pela Jenna Jameson para fazer parte do seu próximo filme pornográfico. Não há nada — mesmo *nada* — melhor.

Faço a prospeção para os meus clientes, recomendo os passos a dar. Sei que empresas estão ansiosas por ser compradas e quais as que precisam de uma aquisição hostil. Sou eu que tenho a informação privilegiada sobre qual o magnata dos *media* que está prestes a saltar da ponte de Brooklyn porque gastou demasiado dinheiro em putedo de luxo.

A concorrência por clientes é feroz. É preciso aliciá-los, fazê-los querer-nos, fazê-los acreditar que mais ninguém pode fazer por eles o que nós podemos fazer. É como dar uma queca. A diferença é que no final em vez de sacar uma miúda, fico com um cheque chorudo. Dou dinheiro a ganhar a mim e aos meus clientes — muito.

Os filhos dos sócios do meu pai também lá trabalham, Matthew Fisher e Steven Reinhart. Sim, *esse* Steven — o marido da Cabra. Tal como os nossos pais, crescemos os três juntos, fomos à escola juntos e agora trabalhamos numa empresa juntos. Os velhotes deixam o trabalho a sério para nós. Volta e meia vêm controlar as coisas para se sentirem como se ainda fossem eles a gerir as coisas, e depois saem para o clube para um jogo de golfe à tarde.

O Matthew e o Steven também são bons no que fazem — não me interpretem mal. Mas a estrela sou eu. Sou o tubarão, aquele que os clientes exigem e as empresas em dificuldades temem. Eles sabem-no e eu também.

À segunda-feira de manhã chego ao meu gabinete às nove, como sempre. A minha assistente — a loura boazona das mamãs grandes — já cá está, pronta para me servir a agenda do dia, as minhas mensagens do fim de semana e o melhor café de toda a área metropolitana de Nova Iorque.

Não, não a papei.

Não que não gostasse de o fazer. Acreditem que se ela não trabalhasse para mim, chegava-lhe com mais força do que o Muhammad Ali.

Mas tenho regras — padrões, digamos assim. Uma delas é não me meter com ninguém do escritório. Não cago onde como, não fodo

onde trabalho. Não por causa das questões de assédio sexual que levantaria; simplesmente não é bom para o negócio. Não é profissional.

Por isso, porque a Erin é a única mulher, além das minhas familiares, com quem tenho uma interação platônica, ela é também a única pessoa do sexo oposto que algum dia considere amiga. Temos uma excelente relação de trabalho. A Erin é simplesmente... fantástica.

Essa é outra razão para eu não a despachar mesmo que estivesse deitada na secretária a pedi-las. Quer acreditem quer não, uma boa assistente — mesmo boa — é difícil de encontrar. Já tive raparigas a trabalhar para mim que eram mais burras do que um balde do lixo. Tive outras que pensavam que iam lá só para trabalharem na horizontal, se é que me entendem. A essas quero conhecê-las num bar ao sábado à noite — não as quero a atender o meu telefone à segunda-feira de manhã.

Agora que já estão a ver um pouco melhor o cenário, vamos voltar à minha descida aos infernos.

— Alterei o seu almoço da uma com a Mecha para uma reunião às quatro — diz-me a Erin enquanto me entrega um monte de mensagens.

Merda.

A Mecha Communications é um grupo de *media* que vale milhares de milhões de dólares. Ando a trabalhar na aquisição de uma televisão por cabo espanhola para eles há meses, e o diretor-executivo, Radolpho Scucini, fica sempre mais recetivo depois de um bom almoço.

— Porquê?

Ela entrega-me um dossiê.

— Almoço hoje na sala de conferências. O seu pai vai apresentar o novo colaborador. Sabe como ele é com estas coisas.

Já viram o filme *Um Conto de Natal*? Claro que sim — passa sempre na TV pelo Natal. Bem, lembram-se quando o Fantasma do Natal Passado teletransporta o Scrooge de volta ao tempo em que era novo e feliz? E tinha aquele patrão, Fezziwig, o gordo que dava grandes festas? Pois, esse tipo. Esse é o meu pai.

O meu pai adora esta empresa e vê todos os seus empregados como pertencendo à sua família alargada. Qualquer desculpa é boa para organizar uma festa no escritório. Festas de anos, festas de nascimentos, almoços de Ação de Graças, bufetes do Dia do Presidente, jantares do Dia de Colombo... é preciso continuar?

Na verdade é um milagre que o trabalho apareça feito.

O Natal? Nem queiram saber. As festas de Natal do meu pai são lendárias. Vão todos para casa bêbedos. Há quem nem sequer vá para casa.

No ano passado apanhámos dez funcionários de um banco concorrente a tentar entrar à socapa, só para verem o calibre do evento. E tudo isto para conseguir o ambiente — a energia — que o meu pai quer nesta empresa.

Ele adora os seus funcionários, e eles adoram-no a ele. Devoção, lealdade — temo-las ao pontapé. Essa é uma das razões pelas quais somos os melhores. Porque as pessoas que aqui trabalham quase vendem o primeiro filho pelo meu velhote.

No entanto, há dias — como o de hoje, em que preciso de tempo para dar a volta a um cliente — em que as suas celebrações podem ser muito inconvenientes. Mas é o que é.

Às segundas de manhã tenho sempre imenso trabalho, por isso chego à minha secretária e começo a trabalhar. Quando dou por ela é uma da tarde e lá vou eu para a sala de conferências. Vislumbro uma cabeça ruiva conhecida associada a um corpo baixo de constituição forte. É o Jack O'Shay. O Jack começou a trabalhar na empresa há cerca de seis anos, no mesmo ano que eu. É bom rapaz e meu comparsa frequente de fim de semana. Ao lado dele está o Matthew a falar animadamente enquanto passa a grande mão pelo cabelo cor de areia.

Sirvo-me de comida no bufete e junto-me à mesa deles exatamente quando o Matthew está a contar a sua noite de sábado.

— Então ela aparece de algemas e chicote. Uma porra de um chicote! Pensei que me ia passar, juro. Quer dizer... ela andou num convento de freiras... estudou para freira, pá!

— É o que te digo, as mais caladas são sempre as piores — acrescenta o Jack, a rir.

O Matthew vira os olhos cor de avelã para o Steven e diz-lhe:

— A sério, pá. Tens de sair connosco. Só uma vez, estou-te a pedir. Sorriu com malícia porque sei exatamente o que aí vem.

— Desculpem, mas por acaso conhecem a minha mulher? — pergunta o Steven com uma expressão de perplexidade.

— Deixa-te de mariquices — goza o Jack. — Diz-lhe que vais jogar cartas ou coisa do género. Vê lá se te permites viver um pouco.

O Steven tira os óculos e limpa as lentes com um guardanapo enquanto parece avaliar a ideia.

— Pois, pois. E depois quando ela descobrir — e a Alexandra vai descobrir de certeza, garanto-vos — serve-me os tomates às postas numa bandeja de prata. Acompanhados de um maravilhoso molho de manteiga de alho e um bom *Chianti*.

Faz um ruído de degustação à Hannibal Lecter que me põe a rir a bandeiras despregadas.

— Além disso — regozija-se ele, colocando novamente os óculos e abrindo os braços sobre a cabeça —, eu tenho *filet mignon* em casa, meus senhores, não estou interessado em hambúrgueres.

— Mariconço — dispara o Matthew enquanto o Jack abana a cabeça ao meu cunhado e diz:

— Olha que o *filet mignon* perde o sabor se o comeres todos os dias.

— Se o cozinhares de maneira diferente todas as vezes, não perde. A minha miúda sabe como temperar as minhas refeições a gosto.

Levanto a mão e suplico:

— Por favor. Por favor, parem por aí. Há imagens que não quero na minha cabeça. Nunca.

— E tu, Drew? Vi-te sair com aquelas gêmeas. Eram ruivas verdadeiras? — pergunta-me o Jack.

Sinto um sorriso de satisfação desenhar-se-me nos lábios.

— Eram, pois. — E depois contei a minha noite louca de sábado com detalhes vívidos e deliciosos.

OK. Vamos parar aqui um pouco porque já estou a ver esse olhar crítico. E também ouço a desaprovação estridente: *Que animal. Foi para a cama com uma mulher* — bem, neste caso com duas — e agora está a contar aos amigos. *Que falta de respeito*.

Antes de mais, se uma tipa quer que eu a respeite, tem de agir como alguém digna de respeito. Em segundo lugar, não estou a ser ordinário: estou só a ser homem. E todos os homens falam com os amigos acerca de sexo.

Deixem-me repetir para o caso de se terem esquecido: TODOS OS HOMENS FALAM COM OS AMIGOS ACERCA DE SEXO.

Se um tipo lhe disser o contrário, deixe-o porque está a mentir.

E outra coisa — já ouvi a minha irmã e as amigas a conversarem também. Algumas das coisas que disseram fariam o Larry Flynt corar

de vergonha. Por isso não finjam que as mulheres não falam exatamente como nós, homens... porque sei que falam.

Depois de me expandir um pouco sobre os pontos mais refinados do meu fim de semana, a conversa à mesa vira-se para o futebol e a eficácia da estratégia de ataque de Manning. Lá atrás ouço a voz do meu pai que está à frente da sala, detalhando os grandes feitos do novo colaborador, cujo dossiê não me dei ao trabalho de abrir esta manhã. Escola de Wharton da Universidade da Pensilvânia, melhor da turma, estágio no Credit Suisse, blá-blá-blá.

Alheio-me da conversa à medida que os meus pensamentos se voltam para a parte da minha noite de sábado que não me dei ao trabalho de contar aos meus amigos: a interação com uma deusa morena, para ser mais preciso. Ainda tenho claramente presentes aqueles olhos escuros e redondos. Aquela boca voluptuosa, o cabelo luminoso que não podia ser tão suave como parecia.

Não é a primeira vez que a imagem dela me vem à mente, sem ser convidada, no último dia e meio. De facto, parece que uma imagem de parte dela me surge a cada hora que passa, e dou por mim a imaginar o que lhe terá acontecido. Ou, para ser mais exato, o que poderia ter acontecido se tivesse ficado por lá e tivesse ido atrás dela.

É estranho. Não sou de ficar a matutar sobre os acasos fortuitos com que me deparo nas minhas aventuras de fim de semana. Geralmente, desaparecem dos meus pensamentos no momento em que saio das suas camas. Mas ela tinha qualquer coisa. Talvez seja porque me rejeitou. Talvez seja porque não cheguei a saber o seu nome. Ou pode ter sido aquele espetacular rabo tonificado que me fez querer agarrá-lo e nunca o deixar fugir.

À medida que as imagens tornam essa característica particular mais nítida, começa uma agitação familiar na região mais a sul, se é que me estão a entender. Dou-me um abanão mental. Desde os doze anos que não tenho uma ereção espontânea. O que é que se passa?

Está-me a parecer que vou ter de telefonar àquela boazona que me deu o número no café esta manhã. Geralmente reservo esse tipo de atividade para o fim de semana, mas parece que a minha verga gostaria de fazer uma exceção.

Por esta altura já cheguei à parte da frente da sala, enquanto estou na fila para o habitual aperto de mão dado a todos os novos funcionários.

Quando me estou a aproximar do início da fila, o meu pai vê-me e vem cumprimentar-me com uma palmada afetuosa nas costas.

— Ainda bem que conseguiste vir, Drew. Esta nova funcionária tem mesmo potencial. Quero que te ocupes pessoalmente dela, ajuda-a a dar os primeiros passos. Faz isso, filho, e garanto-te que ela ganhará ritmo rapidamente e nos encherá a todos de orgulhoso.

— Claro pai, com certeza.

Perfeito. Como se eu não tivesse o meu próprio trabalho com que me preocupar. Agora tenho de levar uma novata pela mão enquanto tateia pelo mundo escuro e assustador da América corporativa. Era mesmo o que me faltava.

Obrigadinho, pai.

Finalmente chega a minha vez. Ela está de costas para mim quando dou um passo em frente. Apercebo-me do seu cabelo lustroso que está apanhado num rolo baixo, a sua silhueta pequena e delicada. Os meus olhos descem-lhe pelas costas enquanto ela fala com alguém à sua frente. Por instinto, descem-lhe para o rabiosque e... *espera.*

Alto lá.

Já vi aquele traseiro.

Não acredito.

Vira-se.

Acredita.

O seu sorriso estende-se quando os seus olhos se encontram com os meus. Olhos infinitos e brilhantes de que não me lembro de ter sonhado até este instante. Ela levanta o sobrolho quando me reconhece e estende-me a mão.

— Sr. Evans.

Sinto a boca fechar-se e abrir-se, mas não saem quaisquer palavras. O choque de a ver de novo — logo aqui — deve ter congelado momentaneamente a parte do meu cérebro associada à fala. Quando as sinapses começam a funcionar outra vez, ouço o meu pai dizer:

— ... Brooks. Katherine Brooks. Ela vai longe, filho, e com a tua ajuda, leva-nos com ela.

Katherine Brooks.

A mulher do bar. A mulher que deixei fugir. A mulher cuja boca ainda desespero por sentir no meu pincel.

E trabalha aqui. No meu escritório, onde jurei nunca, nunca ir para a cama com alguém. A sua mão quente e macia desliza na perfeição para dentro da minha, e dois pensamentos entram na minha cabeça ao mesmo tempo.

O primeiro é: Deus odeia-me. O segundo é: Fui um menino muito mau a maior parte da minha vida, e esta é a paga. E sabem o que dizem da paga, não sabem?

Pois. Tarda, mas não falha.

Capítulo 3

Determinação é comigo. Vontade. Controlo. Eu determino o meu caminho na vida. Eu decido os meus fracassos e os meus sucessos. Que se lixe o destino. O destino pode ir dar uma volta. Se quiser muito uma coisa, consigo tê-la. Se me concentrar, me sacrificar, não há nada que não consiga fazer.

Qual é a ideia desta minha assertividade? Perguntam. Porque é que pareço um orador numa conferência de autoajuda? O que é que na verdade estou a tentar dizer?

Em poucas palavras: eu controlo a minha pila. Não é a minha pila que me controla a mim. Pelo menos é isso que tenho estado a dizer a mim próprio na última hora e meia.

Estão a ver-me à minha secretária, a falar comigo próprio como um esquizofrénico que não tomou a medicação?

Aquele sou eu a lembrar a mim próprio os princípios básicos, as crenças sagradas que me trouxeram até aqui na vida. Aquelas que fizeram de mim um incontestável sucesso no quarto e no escritório. Essas mesmo que nunca antes me tinham falhado. As mesmas que estou ansioso por mandar pela janela fora. Tudo por causa da mulher que está no escritório ao fundo do corredor.

Katherine Toda-A-Gente-Me-Chama-Kate Brooks.

Que grande surpresa...

Na minha opinião, ainda tenho hipótese. Tecnicamente falando, não conheci a Kate no trabalho; conheci-a num bar. O que quer dizer que poderia prescindir do rótulo «colega de trabalho» e manter

assim o estatuto de «engate fortuito» que lhe tinha sido originalmente atribuído.

O que foi? Sou um homem de negócios; o meu trabalho é descobrir brechas. Por isso, pelo menos em teoria, podia mesmo apanhá-la sem minar as minhas leis pessoais da natureza. O problema dessa estratégia, claro, é o que acontece depois.

Os olhares ardentes e esperançosos, as tentativas patéticas de me fazer ciúmes. Os encontros supostamente «acidentais», as perguntas sobre os meus planos, as passagens aparentemente despreocupadas em frente da porta do meu gabinete. Tudo isto escalaria para um comportamento de assédio perturbador.

Algumas mulheres conseguem lidar com um engate de uma noite. Outras não. E eu tenho levado claramente com as que não conseguem.

E não é nada bonito de se ver.

Por isso, estão a ver, por muito que eu queira, por muito que o meu ponteiro magnético me esteja a tentar conduzir por esse caminho, não é coisa que queira trazer para o meu local de trabalho. O meu santuário. A minha segunda casa.

Não vai acontecer. Ponto final.

Acabou. Fim de discussão.

Caso arrumado.

A Kate Brooks está oficialmente riscada da minha lista de potenciais quecas. Ela é território proibido, intocável, uma «nem pensar». Figura nesse panteão que conta com as ex-namoradas dos meus amigos, a filha do patrão e a melhor amiga da minha irmã.

Bem, essa última categoria é uma área um pouco cinzenta. Quando tinha dezoito anos, a melhor amiga da Alexandra, Cheryl Phillips, passou o verão na nossa casa. Abençoada — aquela miúda tinha uma boca como um aspirador. Sorte a minha, a Cabra nunca soube das visitas matinais da amiga ao meu quarto. Havia de ser um inferno — estou a falar do inferno de proporções apocalípticas com fogo e enxofre — se tivesse sabido.

Bem, onde é que eu ia?

Ah, sim. Estava eu a explicar que cheguei à decisão inequívoca que o pacote da Kate Brooks é uma coisa que, tristemente, nunca vou apalpar. E está-se bem. Mesmo.

E quase acredito em mim próprio.

Até ela me aparecer à porta.

Meu Deus.

Vem de óculos. Daqueles de massa. A versão feminina do Clark Kent. A maior parte das mulheres pareceriam ratos de biblioteca sem qualquer interesse. Mas ela não. Assentes naquele nariz pequenino, emoldurando aquelas belas pestanas longas, com o cabelo preso naquele rolo levemente solto, são completamente sensuais.

Quando começa a falar, a minha mente enche-se subitamente de todas as fantasias de professoras escaldantes que já tive. Desenrolam-se na minha cabeça ao lado das da bibliotecária aparentemente reprimida sexualmente que é, no fundo, uma ninfomaníaca de algemas e couro.

Enquanto a minha mente projeta tudo isto, ela continua a falar.

Que raio é que ela está a dizer?

Fecho os olhos para parar de olhar para aqueles lábios brilhantes. Para poder processar as palavras que lhe saem da boca:

— ... pai disse que me podia ajudar nisso. — Para e olha para mim, expetante.

— Desculpe, estava distraído. Quer sentar-se e falar-me disso outra vez? — pergunto com a voz a trair o tesão que sinto.

Mais uma vez, para as mulheres que me ouvem — cá vai um facto para vocês: os homens pensam em sexo praticamente vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O número exato é a cada 5,2 segundos, ou coisa que o valha.

A questão é que quando perguntam «O que é que queres para jantar?» estamos a pensar comer-vos no balcão da cozinha. Quando vocês nos falam do filme idiota que viram com as amigas na semana passada, nós estamos a pensar no filme pornográfico que vimos na televisão na noite anterior. Quando nos mostram os sapatos que compraram nos saldos, estamos a pensar como pareceriam bonitos nos nossos ombros.

Achei que haviam de querer saber. Não matem o mensageiro.

É um flagelo, para ser franco.

Pessoalmente, culpo o Adão. Ora, aí está um tipo que tinha tudo quanto queria. Andava nu para trás e para a frente, tinha uma gaja boa para lhe satisfazer os caprichos todos... Só espero que aquela maçã fosse mesmo saborosa, porque o que ele fez foi lixar-nos a vida. Agora

temos de dar o litro se quisermos provar o doce mel. Ou, no meu caso, tentar desesperadamente não querer.

Ela senta-se na cadeira em frente à minha secretária e cruza as pernas.

Não olhes para as pernas. Não olhes para as pernas.

Demasiado tarde.

Estão tonificadas, bronzeadas e parecem suaves como seda. Passo a língua pelos lábios e forço-me a fitá-la nos olhos.

— Então — começa ela —, tenho estado a fazer um portefólio sobre uma empresa de programação, a Genesis. Já ouviu falar?

— Vagamente — respondo, pousando os olhos nos papéis em cima da minha mesa para deter a torrente de imagens indecentes que o som da sua voz evoca na minha mente insidiosa.

Sou um menino muito, muito mau. Acham que a Kate me vai castigar se eu lhe disser como sou mau?

Eu sei, eu sei. Mas não me consigo conter.

— Apresentaram resultados de três milhões antes de juros e impostos no último trimestre — diz ela.

— Ai sim?

— Foi. Sei que não é nada do outro mundo, mas mostra que têm uma base sólida. Ainda são pequenos, mas é uma das razões por que eles são bons. Os seus programadores são jovens e ambiciosos. Correm rumores de que vão fazer a Wii parecer-se mais com a Atari. E têm massa cinzenta para o levar por diante. O que não têm é capital.

Levanta-se e debruça-se sobre a minha secretária para me passar o dossiê. Sou assaltado por um cheiro doce mas floral. É delicioso, sedutor — não como uma avozinha cujo perfume quase nos sufoca quando passa por nós nos correios.

Tenho o impulso de enterrar a minha cara naquele pescoço e inalar profundamente.

Mas resisto e, em vez disso, abro o dossiê.

— Mostrei o que tenho ao Sr. Evans... ao seu pai, e ele disse-me para tratar consigo. Ele achou que um dos seus clientes...

— Alphacom — digo.

— Isso. Ele achou que a Alphacom estaria interessada.

Dou uma vista de olhos ao trabalho que ela fez até ao momento. É bom. Detalhado e informativo mas direcionado. Aos poucos a minha

cabeça — a que está acima dos meus ombros, pelo menos — começa a trabalhar. Se há um tópico que tem alguma esperança de me des-carrilar dos pensamentos sobre sexo é o trabalho. Um bom negócio. Cheira-me que isto tem potencial, sem dúvida.

Não cheira tão deliciosamente como a Kate Brooks, mas anda lá perto. Faça-lhe um gesto para se sentar outra vez. É o que faz.

— Isto é bom, Kate. Muito bom. Eu podia vender isto facilmente ao Seanson. É o diretor-executivo da Alphacom.

Os olhos cerram-se levemente.

— Mas vai manter-me a bordo, não vai?

Sorrio maliciosamente.

— Claro. Acha que sou o tipo de pessoa que rouba as propostas dos outros?

Revira os olhos e sorri. Desta vez, simplesmente não consigo olhar para outro lado.

— Não, claro que não, Sr. Evans. Não quis dizer... Sabe, é o primeiro dia...

— Eu diria que está a ter um dia em grande. E, por favor, chame-me Drew.

Acena com a cabeça. Recosto-me na minha cadeira, avaliando-a. Os meus olhos examinam-na da cabeça aos pés de uma maneira absolutamente nada profissional. Eu sei. Mas não consigo obrigar-me a importar-me com isso.

— Com que então a celebrar um novo emprego, não era? — pergunto, referindo-me ao seu comentário na REM no sábado.

Morde o lábio, e as minhas calças apertam-se quando me agito e endureço — outra vez. Se isto continua, chego a casa cheio de dores nos tomates.

— Pois. Emprego novo. — Encolhe os ombros, depois diz — Adivinhei quem era quando me disse o seu nome e o nome da sua empresa.

— Já ouviu falar de mim? — pergunto eu, verdadeiramente curioso.

— Claro. Penso que neste ramo não há quem não tenha lido sobre o menino de ouro da Evans, Reinhart and Fisher na *Business Weekly*... ou no Page Six, já agora.

As suas últimas palavras referem-se às colunas sociais em cujas páginas apareço frequentemente.

— Se me deu tampa só porque trabalho aqui, posso apresentar imediatamente a minha demissão ao meu pai.

Ri-se e depois, corando levemente, responde:

— Não, essa não foi a única razão. — Levanta a mão para me lembrar do anel de noivado quase invisível. — Mas agora não ficou contente por o ter rejeitado? Quer dizer, teria sido muito estranho se tivesse acontecido alguma coisa entre nós. Não acha?

A minha cara está completamente séria quando lhe digo:

— Teria valido a pena.

Levanta o sobrolho e duvida.

— Mesmo estando o Drew em cima de... acima de mim?

Vá lá... ela meteu o pé na argola e sabe-o. Em cima dela? Como é que eu posso ignorar isto?

Contudo, limito-me a erguer uma sobrancelha, e ela abana a cabeça e dá uma risada outra vez.

Com um sorriso feroz, pergunto-lhe:

— Não estou a fazê-la sentir-se desconfortável, pois não?

— Não. Absolutamente nada. Mas trata assim todos os seus funcionários? Porque devo dizer-lhe que está a pôr-se a jeito para um processo judicial.

Não consigo conter o sorriso que me vem aos lábios. Ela é uma tal surpresa. Incisiva. Rápida. Tenho de pensar antes de falar com ela. Gosto.

Gosto dela.

— Não, não trato todos os meus funcionários assim. Nunca. Só uma, na qual não paro de pensar desde sábado à noite.

OK. Talvez não estivesse a pensar nela quando as gémeas estavam a tratar de mim em equipa. Mas, pelo menos, é parcialmente verdade.

— Você é incorrigível — diz ela de uma maneira que me leva a crer que me acha fofo.

Sou muitas coisas, querida. Fofo não é uma delas.

— Vejo uma coisa que quero e vou atrás dela. Estou habituado a ter o que quero.

Nunca hão de ouvir coisa mais verdadeira acerca de mim do que esta. Mas vamos interromper as coisas aqui por um momento, está bem? Para vos dar uma visão global.

Estão a ver, a minha mãe, a Anne, sempre quis uma família grande — cinco, talvez, seis filhos. Mas a Alexandra é cinco anos mais

velha do que eu. Pode não vos parecer muito, mas para a minha mãe era uma vida. Acontece que, depois da Alexandra, a minha mãe não conseguia engravidar outra vez — e não era por falta de tentativas. «Infertilidade secundária», era o que lhe chamavam. Quando a minha irmã fez cinco anos, a minha mãe já tinha praticamente desistido de ter mais filhos.

Adivinhem lá? Depois apareci eu.

Surpresa!

Eu era o seu bebé-milagre. O seu anjo precioso de Deus. O seu desejo concedido. A sua oração atendida. E não era a única que pensava assim. O meu pai estava encantado, tão agradecido por ter outro filho — ainda mais um rapaz. E a Alexandra — estes eram os anos pré-Cabra — estava em êxtase por finalmente ter um irmãozinho.

Eu era o que a minha família tinha querido e esperado durante cinco anos. Era o príncipezinho. Nada podia correr mal. Não havia nada que eu quisesse que não tivesse. Eu era o mais bonito, o mais inteligente. Não havia ninguém mais bondoso, ninguém mais doce do que eu. Era amado para lá das palavras — mimado e apapricado.

Por isso, acham que sou arrogante? Egoísta? Mimado? Provavelmente têm razão. Mas não me responsabilizem a mim. A culpa não é minha. Sou um produto da educação que tive.

Agora que já esclarecemos isto — voltemos ao meu escritório. Esta parte que se segue é grande.

— E acho que deve saber: quero-a, Kate.

Estão a ver como cora, a leve surpresa no rosto? Veem como a sua cara fica séria, e os seus olhos encontram os meus e depois olha para o chão?

Estou a perturbá-la. Também me quer. Está a lutar contra isso. Mas está lá. Podia tê-la. Podia levá-la mesmo até onde está ansiosa por ir.

Esta percepção faz-me engolir um gemido quando o «tipo do andar de baixo» reage com vingança. Quero ir até ela e beijá-la até ela não se conseguir aguentar mais em pé. Quero deslizar a minha língua entre aqueles lábios maduros até os seus joelhos cederem. Quero pegar nela, enrolar-lhe as pernas à volta da minha cintura, encostá-la à parede e...

— Drew, há um engarrafamento na 53th Avenue. Se quer chegar a tempo à reunião das quatro, tem de se pôr a andar.

Obrigado, Erin. Isto é o que se chama cortar o clima. Fantástica assistente — péssimo sentido de oportunidade.

A Kate levanta-se da sua cadeira, com os ombros rígidos e as costas direitas. Dirige-se vagarosamente para a porta e recusa-se a olhar-me nos olhos:

— Obrigada pelo seu tempo, Sr. Evans. Chame-me... quando me desejar de novo.

Ergo o sobrolho sugestivamente às suas palavras. Adoro que esteja perturbada — e que tenha sido eu a provocar-lhe essa sensação.

Ainda evitando o contacto visual, faz uma ligeira careta.

— Sobre a Alphacom e a Genesis. Diga-me o que deverei fazer... o que quer que eu faça... oh, sabe o que quero dizer.

Antes de sair, a minha voz fá-la parar:

— Kate?

Vira-se para mim, intrigada.

Apono para mim próprio:

— Chamo-me Drew. — Ela sorri. Recompõe-se. A sua autoconfiança natural regressa aos seus olhos.

Depois olha-me diretamente nos olhos:

— Está bem. Até logo, Drew.

Quando sai da sala, digo a mim próprio:

— Ah, sim. Sim...vais conseguir.

Quando verifico a minha pasta antes de sair para a reunião, percebo que esta atração — essa palavra não é suficientemente forte — esta *necessidade* que tenho da Kate Brooks não vai desvanecer-se simplesmente. Posso tentar lutar contra ela, mas sou apenas um homem, por amor de Deus. Se for deixado por resolver, o meu desejo por ela pode tornar o meu escritório, o sítio que amo, numa câmara de tortura de frustração sexual.

Não posso deixar que isso aconteça.

Por isso, tenho três opções: posso despedir-me, posso fazer com que a Kate se despeça, ou posso aliciá-la a ter uma noite profundamente agradável comigo. Tirar isso dos nossos sistemas — que se lixem as consequências.

Adivinhem qual é que vou escolher?

Como é que uma só mulher consegue transformar o mais sedutor dos *playboys* num homem à beira do desespero?

O amor é para meninos. Esse é o meu mote. Mas eu, que lido diariamente com investimentos de milhões e seduzo qualquer mulher com um sorriso apenas, ando numa onda de azar.

Tudo mudou quando Katherine Brooks entrou para o banco onde trabalho. Assim que a vi, achei-a belíssima, mas não esperava o seu lado diabolicamente competitivo. A mulher é um monstro dos negócios e está claramente interessada... em atirar-me para fora da corrida. Eu até costumo ser um bom jogador, mas a sensualidade dela distrai-me. Já a sua língua afiada... bem, digamos que a aprecio. E aquelas curvas! Ai, aquelas curvas!

Não! Para com isso, Drew Evans! Não estás apaixonado, não acreditas no amor!

Mas confesso-me frustrado: não consigo levar esta mulher para a cama nem vencê-la na competição. Está na hora de tomar as rédeas. Só preciso de um plano...

Com agressividade, fogo sensual e um pouco de rivalidade à mistura!

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-61-4



9 789898 917614

Romance Erótico